

O jornalismo em evolução ¹

Journalism in evolution

Adriana Mello Guimarães

Nuno Ricardo Fernandes

Resumo

Que mudanças ocorreram no jornalismo? É a pergunta que procuramos responder. Para tanto, pretendemos realizar uma análise sobre o desenvolvimento do jornalismo. A nossa análise parte do século XIX, pois foi um período de expansão da imprensa portuguesa, um legado rico, marcado por um carácter idealista e doutrinário que serviu para o estabelecimento das coordenadas ideológicas de toda uma memória coletiva até chegar ao jornalismo *on-line*, que proporciona rapidez para informar, mas também para desinformar.

Palavras-chave: Jornalismo; História; Desinformação

Abstract

What changes have occurred in journalism? It's the question we seek to answer. For that, we will perform an analysis on the development of journalism. Our analysis start at nineteenth century, because it was a period of expansion in the Portuguese press, a rich legacy, marked by an idealistic and doctrinaire character who served to establish the ideological coordinates of an entire collective memory until it reach the online journalism, which provides quick information, but also misinform.

Keywords: Journalism, History, Disinformation

A ascensão de uma profissão

Ao longo do século XIX, numa época em que só a imprensa escrita existia como meio de comunicação de massa, os jornais desempenharam um papel revolucionário na vida social. Em Portugal, um artigo da Revista Universal Lisbonense registava a seguinte observação: “A imprensa cinge o mundo. Dantes reinava a espada – hoje governa a pena (...) A antiga civilização estava nas guerras, a nova está na imprensa”. (SILVA, 1841, p.345) que chama a atenção para o poder da imprensa enquanto difusora de ideias que suscita a discussão.

Nesse contexto oitocentista, marcado pela exigência de uma consciência social, cabe a interrogação: qual era o conceito de jornalismo? No mundo europeu industrializado, a melhoria dos transportes, o alargamento da vida escolar e a evolução das técnicas gráficas foram determinantes para fazer do jornalismo uma atividade sustentável. A

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

inserção da ação jornalística como fator de produção cultural na vida moderna logo se fez refletir em Portugal:

O jornalismo desempenhava na difusão das atitudes inovadoras papel de relevo, condicionado embora pelo analfabetismo generalizado e pelo baixo poder de compra dos possíveis leitores. Mas a imprensa de então é, apesar de tudo, uma realidade cultural de peso (...) só de 1869 a 1871 surgiram em todo o país, 45 novas tentativas. São, sobretudo, folhas políticas, literárias, de anúncios, religiosas, humorísticas, pedagógicas. (Serrão, 1983, p.67-68)

De facto, o jornalismo oitocentista conferiu à vida do espírito uma presença social mais intensa, e marcou a mentalidade nacional de toda uma geração como um espaço de formação da opinião e da consciência do cidadão. Nesse espaço, os literatos ocuparam, desde sempre, um lugar de destaque:

Os jornais eram, à época, importantes centros sociais. Era ali – e Eça recordá-lo-á em várias obras – que se faziam amigos, se discutia política, se ficava a par das intrigas do dia. Um periódico oitocentista era o centro do mundo. (Mónica, 2001,p.33)

Ao longo dessa fase da chamada “imprensa de opinião”, as empresas jornalísticas contaram com a participação de grandes nomes da literatura e caracterizaram-se por manter, em termos de recursos humanos, uma estrutura centralizada:

O chefe da redação era o verdadeiro espírito e a alma da publicação. O jornal, geralmente, era um homem, mais até do que um partido. (...) Era o redator responsável com a sua personalidade, quem, dentro das coordenadas gerais, imprimia ao jornal uma vida própria. (Tengarrinha, 1967, pp190,191)

Ideologicamente, devemos lembrar que “a imprensa da época é, em primeiro lugar política, em segundo lugar, literária e só acidentalmente noticiosa dos acontecimentos da vida quotidiana” (Serrão, 1978, p.41). No que diz respeito à circulação da informação, uma característica importante desta fase é assinalada por Tengarrinha: “Em voz alta liam-se (...) os editoriais dos jornais mais importantes: de tal maneira, assim, a Imprensa e a oratória andavam intimamente ligadas.” (Tengarrinha, 1965, p.150)

Entre os múltiplos escritores que emprestaram a sua pena a imprensa, destacamos o crítico alentejano Fialho de Almeida que, conforme o espírito da época, entendia o jornalismo como uma missão pedagógica de intervenção e, sobretudo, como um meio para a circulação de ideias. Daí afirmar: “Da imprensa deriva toda a espécie de

incentivo e de energia fecunda e transformável que vai depois propulsar em todos os distritos gerais da atividade, moral e ciência, indústria e arte, política e religião”. (1904, p. 214). Na sequência deste pensamento, Fialho defende o interesse da esfera pública, o chamado “espírito público” – “É a imprensa que reforça e purifica a voz da opinião” (idem, p. 214). Outro grande escritor oitocentista, Eça de Queirós, concebia um jornalismo de projeção para o futuro, onde era necessário relacionar os factos para melhor compreender e fazer entender. Vejamos, logo no primeiro número de *O Distrito de Évora*, que fora posto a circular no dia 6 de Janeiro de 1867, o que Queirós afirma:

O jornalismo na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do país na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial. [...] É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os atos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes. (Queirós, 1967, p. 9)

Ora, tais ideias compõem uma verdadeira “teoria do jornalismo”, na medida em que evidenciam as principais funções da imprensa: informar; interpretar; atuar e intervir.

Por outro lado, cabe assinalar o surgimento de novos processos comunicacionais que deram origem à chamada fase da imprensa industrial. De facto, segundo José Tengarrinha, “só entre 1865 e 1885 é que se estabeleceram em Portugal as condições propícias à transformação industrial da imprensa” (1965, p.127), o que deu ênfase à informação como preocupação e objetivo. Nesse período destacamos o surgimento do *Diário de Notícias* (1/1/1865) um jornal barato, acessível que inovou o panorama jornalístico oitocentista. Justamente nessa fase industrial, os jornais passaram a dispor do auxílio do telégrafo e, então, surgiram as agências noticiosas:

O progresso das técnicas e o aparecimento de uma imprensa barata, diversificando o seu conteúdo para deixar mais espaço à relação de informações, em vez de se dedicar apenas à expressão de opiniões, permitiram – causa e consequência ao mesmo tempo – a criação das agências. (Derieux, 1978, p. 11)

Desta forma, o sistema de comunicações melhorou, tornou-se mais rápida a circulação de notícias e ampliou-se o hábito de ler jornais. Assim, “o jornal lançado

romanticamente pelo indivíduo isolado que nele fazia quase tudo deixava, passo a passo, de ter condições para competir e subsistir. As redações alargaram-se”. (Sousa, 2008a, p. 106). Será útil relembrar, ainda, as influências que o jornalismo luso recebeu:

O jornalismo português nasceu e evoluiu sintonizado com o que se fazia na Europa, em particular em França, país que até ao século XIX ditou «as modas» em Portugal. No entanto, as guerras napoleónicas (em que Portugal alinhou pelos britânicos) e, posteriormente, as lutas liberais (...) e o liberalismo permitiram que a imprensa portuguesa se abrisse ao modelo britânico de jornalismo, assente no princípio da liberdade de imprensa. (idem, p. 117)

Enfim, não há dúvida de que o século XIX foi um período de expansão da imprensa portuguesa, um legado rico, marcado por um carácter idealista e doutrinário que serviu para o estabelecimento das coordenadas ideológicas de toda uma memória coletiva.

A legitimação do grupo profissional

Passo a passo o jornal torna-se num produto e a informação transforma-se de opinativa para cada vez mais objetiva. Já em pleno século XX, em 1938, Andrade de Saraiva, ao falar sobre a missão da imprensa afirma:

Em lugar do apostolado, do idealismo e da doutrina, surgiu a empresa. A caixa substituiu a tribuna. (...) A personalidade do diretor apagou-se e subalternizou-se; em vez de um tributo ou de um apóstolo, tornou-se antes um chefe de escritório sempre atento às condições e desejos do conselho de administração. (Saraiva, 1938)

Ou seja, o ofício de jornalista foi aos poucos transformando-se numa profissão e os jornalistas, enquanto grupo profissional começaram à procura de um espaço autónomo de legitimação. De facto, apesar de ser considerada (durante muitos anos) uma atividade socialmente desvalorizada e intelectualmente desprestigiada, passa a ser socialmente reconhecida e juridicamente legitimada. O jornal torna-se um bem de consumo. Emblemáticos destas alterações são os novos perfis profissionais dos jornalistas: o repórter passa a ser valorizado e surge a figura do correspondente de guerra.

Além da informação geral, aparece a chamada “imprensa especializada” e nas redações ocorre a expansão do número de jornalistas. Emerge a fixação de uma hierarquia profissional e a divisão do trabalho no seio da redação por secções, bem como a fixação de um vocabulário próprio e a definição de competências técnicas associadas à

profissão, a diferenciação de estilos, a criação de embriões do que viria a ser o Sindicato dos Jornalistas, e a mobilidade dos jornalistas entre os diversos órgãos de comunicação social. O jornalismo português ao longo do século XX sofreu diversas mutações estruturais e legislativas e vivenciou um longo contexto de privação de liberdade que condicionou a autonomização e profissionalização dos jornalistas.

Assistiu-se a massificação do uso da rádio (anos 40-50) que mudou a forma de fazer jornalismo, assim como a implantação da televisão (1957). Nesse tempo a antiga máxima “a televisão mostra, a rádio conta e o jornal explica” atingiu o seu ápice. No entanto, uma mudança no nosso panorama mediático veio a alterar a forma de fazer jornalismo. Os jornais deixaram de explicar e passaram a “contar” e com um dia de atraso. As estratégias dos proprietários dos *media* levaram a que os nossos jornais perdessem a sua principal característica – o aprofundamento das peças jornalísticas – para passarem a ter a mesma característica dos outros meios. Será a morte anunciada do jornalismo impresso? Fica a questão que não cabe aqui tentar responder.

A internet e o universo digital

No fim do século XX e à passagem para o século XXI, verificamos que o processo de identidade profissional do jornalista continua em mudança. Com o desenvolvimento da Internet surgiram claros desafios para os órgãos de comunicação social, mas sobretudo surgiram necessidades novas para os jornalistas portugueses de adaptação a novas linguagens.

Novas formas de jornalismo surgiram mas a necessidade de “criar ou experimentar essas formas não é fazê-lo à toa, como se o futuro nada tivesse a ver com o passado. A maneira mais simples até de se familiarizar com o novo meio é transpor para ele as formas tradicionais e depois, e só depois, começar a experimentar.” (Fidalgo, 2001,p. 8).

E esse foi o passo natural dado pelo ciberjornalismo português e pelos ciberjornalistas portugueses. É certo que não podemos esquecer a existência de projetos ciberjornalísticos portugueses totalmente desfasados da realidade e que tiveram uma curta existência.

Com a emergência do ciberjornalismo foi rapidamente detetada, no sector empresarial e no campo do ensino, a necessidade de profissionais formados para o jornalismo digital. Os primeiros ciberjornalistas portugueses eram jornalistas transferidos das redações tradicionais.

No contexto académico a formação passou também a olhar para o ciberjornalismo como uma disciplina, a qual surgiu com o nome de “ciberjornalismo ” na Universidade Nova de Lisboa em, fevereiro de 2000. A partir daí a disciplina passou a integrar as várias licenciaturas de Ciências da Comunicação e Jornalismo das Universidades portuguesas.

As necessidades dos órgãos de comunicação eram assim combatidas já que estes exigiam jornalistas com “domínio alargado de múltiplas capacidades, bem como a aptidão para trabalhar em ciclos de notícias de atualização permanente. Em certos casos, o ciberjornalista terá de redigir notícias, produzir fotografia, áudio e vídeo, construir páginas Web, transpor conteúdos impressos ou audiovisuais para a rede, acrescentar hiperligações, fornecer interfaces que permitam aos utilizadores o recurso a bases de dados diversas” (Bastos, 2007,p. 4).

Se na imprensa surgiram novas formas de trabalho, nas rádios a história não foi muito diferente. A ligação ao multimédia, transformou a rádio, em claro benefício da interatividade. A TSF, a Antena 1, e a Rádio Renascença, são três exemplos onde a aposta informativa não se fica apenas pelas ondas da rádio. Nos respetivos *sites* existe um claro intuito interativo, desenvolvem-se novas linguagens (no caso da RR o vídeo possui um claro espaço) e são potenciadas novas formas de apresentar o conteúdo veiculado pelas ondas hertzianas. Isto “transforma o ouvinte num utilizador e favorece a fragmentação das audiências” (Cordeiro, 2004, p. 5), tendo modificado “a forma de receção radiofónica, transformando o conceito de recetor” (Cordeiro, 2004, p.9). Hoje para além de se ouvir a rádio podemos consultar o *site* da estação emissora.

Outro desafio nasceu para os jornalistas portugueses, o qual talvez no futuro venha a implicar alterações na forma de ensino: o jornalismo para dispositivos móveis.

Esta nova forma de apresentar os conteúdos jornalísticos está a obrigar, tal como o ciberjornalismo obrigou, a uma adaptação dos conteúdos, num primeiro momento, mas a evolução de uma linguagem e de apresentação dos conteúdos informativos parece-nos ser um passo necessário. Atualmente são várias as investigações académicas em torno

deste fenómeno e nas próprias redações assiste-se ao lançamento de vários projetos para dispositivos móveis.

Ou seja, o jornalismo continua em grande evolução. No entanto, devemos estar atentos. Afinal, com tantos avanços na tecnologia de transmissão surgem novas problemáticas. Como afirma Richard Wurman, um dos problemas contemporâneos é justamente o excesso de informação que pode provocar a angústia (típica dos tempos atuais) ou até a desinformação.

Referências bibliográficas:

Almeida, Fialho. (1904) *Pasquinadas (jornal de um vagabundo)*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão.

Bastos, H. (2007). “Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse”, in <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/25259>, consultado a 9 de outubro de 2012

Cordeiro, P. (2004). “A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução” in BOCC, consultado a 2 de outubro de 2012

Derieux, Emmanuel (1978). “Agências Noticiosas”, *Guia alfabético das comunicações de massa*. Direção de Jean Cazeneuve, tradução Licínio Martins, Cascais Franco, Orlando Neves e Raquel Silva. Lisboa: Edições 70.

Fidalgo, A. (2001). “O ensino do jornalismo no e para o século XXI”, in BOCC, consultado a 2 de outubro de 2012.

Fidalgo, Joaquim (2008). *O jornalista em construção*. Porto: Porto Editora.

Mónica, Maria Filomena (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.

Queirós, Eça de. (1967) *Da Colaboração no Distrito de Évora I*. Lisboa: Livros do Brasil.

Santo, Rogério. (1998) *Os novos media e o espaço público*. Lisboa: Gradiva.

Saraiva, Andrade (1938). “A pequena imprensa e a sua missão”. In *Seleções da Gazeta do Sul*. I volume. Montijo: Edição da Gazeta do Sul.

Serrão, Joel (1983). *Temas de cultura portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, M. A. (1841). “Uma Lenda de Montrose”, *Revista Universal Lisbonense*, Tomo I, ano 1841-1842, Lisboa: Imprensa Nacional (pp. 344-346).

Sobreiro, R.M (2010). “O Ensino do Jornalismo e a Profissionalização dos Jornalistas em Portugal (1933-1974) “ in Traquina, N. (2010) (Org). “Do Chumbo à Era Digital”, Coleção Media e Jornalismo, Lisboa:Livros Horizonte.

Sousa, Jorge Pedro (2008a).“Uma História do Jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974”. *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa, perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J.P. (2008). “Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de abril de 1974”, in BOCC, consultado a 2 de outubro de 2012.

Tengarrinha, José. (1965). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Portugalíia.

Wurman, Richard Saul (1991). *Ansiedade de Informação*. Tradução de Virgílio Freire. São Paulo: Cultura editores associados.

Vacas, F. (2005). “La Televisión En Extremadura: Un Proyecto de Televisión Regional”, visitado a 4 de Junho de 2008, <http://www.juntaex.es/consejerias/infraestructuras-desarrollo-tecnologico/dgsociedadinformacion/Publicaciones/common/TOMO1TELEVISION.pdf>

Volkoff, Vladimir. (2000) *Pequena história da desinformação: do cavalo de Troia à internet*. Lisboa, Editorial Notícias.

Notas sobre os autores

Adriana Mello Guimarães adrianamello@esep.pt

Assistente Convidada na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Doutoranda em Literatura na Universidade de Évora. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora; participante do grupo Filosofia Brasileira e Portuguesa junto ao Centro de Filosofia Brasileira do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil). Membro Integrado do CLEPUL, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

Nuno Ricardo Fernandes nrfernandes@esep.pt

Assistente Convidado na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior.
Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior e Mestre em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão, pela Universidade da Beira Interior.
Membro do LABCOM, Laboratório Online de Ciências da Comunicação, da Universidade da Beira Interior, e membro do Laboratório de Jornalismo Convergente, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia (Brasil).